

# O FENÔMENO VIDA NA BIOLOGIA FILOSÓFICA DE HANS JONAS A PARTIR DO EVOLUCIONISMO

Leandro Sousa Costa<sup>1</sup>

Leonardo Nunes Camargo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar a reinterpretação do fenômeno vida na biologia filosófica de Hans Jonas. Para tanto, vamos analisar a teoria da evolução do naturalista e biólogo Charles Darwin e entender como a seleção natural contribui para o desenvolvimento das espécies. Em seguida, vamos adentrar propriamente na biologia filosófica de Jonas e apresentar como, a partir do evolucionismo, o pensador reinterpreta a noção de vida na contemporaneidade. Hans Jonas, por meio de sua teoria filosófica, aponta que a doutrina darwinista, sobre a origem das espécies, rompeu com o monismo materialista recolocando o *cogitans* no percurso da vida. Dessa maneira, ela passa a ser reconhecida como matéria e espírito simultaneamente

**Palavras-chave:** Evolução, Darwin, Jonas, Vida.

**ABSTRACT:** The purpose of the present article is to examine the reinterpretation of the phenomena called "life" in Hans Jonas philosophical biology. To do so, Charles Darwin's Theory of Evolution will be analysed to help us understand how natural selection plays a role in the way species develop. Then, we will delve into Jonas' philosophical biology and show how, coming from Evolutionism, such scholar shed new light on the notion of "life" in contemporary thinking. Through his works, Hans Jonas points out that the darwinist theory on the origin of species broke the mold put forth by Material Monism, putting "cogitans" back on the track of life. Thus "life" starts to be seen as both matter and spirit at the same time.

**Keywords:** Evolution, Darwin, Jonas, Life.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Contato: leandro\_kallas@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestrando em filosofia e especialista em Ética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Contato: [leonardo\\_bigmusic@yahoo.com.br](mailto:leonardo_bigmusic@yahoo.com.br).

## Introdução

Ao nos depararmos com a questão do homem na pós-modernidade, percebemos que, a partir da formulação de uma concepção do que ele é, podemos responder inúmeras outras perguntas que pautam e determinam a realidade e a existência dos indivíduos. Em uma das páginas do *Livro do Desassossego*, do escritor e poeta português Fernando Pessoa<sup>3</sup>, vemos a seguinte definição:

Se considero com atenção a vida que os homens vivem, nada encontro nela que a diferencie da vida que vivem os animais. Uns e outros são lançados inconscientemente através de coisas e do mundo; uns e outros se entretêm com intervalos; uns e outros percorrem diariamente o mesmo percurso orgânico; uns e outros não pensam para além do que pensam, nem vivem para além do que vivem. O gato espoja-se ao sol e dorme ali. O homem espoja-se à vida, com todas as suas complexidades, e dorme ali. Nem um nem outro se liberta da lei fatal de ser como é. Nenhum tenta levantar o peso de ser.<sup>4</sup>

Esse fragmento apresenta o que pretendemos abordar no nosso trabalho, o homem como ser biológico, um ser natural entre tantos outros seres naturais e, contrariamente ao que se pensava, um ser sem qualquer tipo de especialidade. É válido dizer que tal noção advém do conjunto de ciências biológicas que desenvolvem inúmeros estudos sobre a temática. O fundamental é notar que não se pode fazer ciências humanas sem definir o que é o homem, porém defini-lo determina, efetivamente, sua realidade em todas as suas instâncias e circunstâncias positivas e negativas. Nisso a concepção de homem fundamenta o conceito de civilização.

A partir de tais pressupostos, queremos analisar a concepção de vida na filosofia de Hans Jonas. Para tanto, nosso trabalho estrutura-se em dois eixos: inicialmente, vamos analisar a teoria da evolução do naturalista e biólogo Charles Darwin, e entender como a evolução contribui para o desenvolvimento das espécies. Em seguida, vamos adentrar propriamente na biologia filosófica do filósofo alemão Hans Jonas e entender como, a partir do evolucionismo, Jonas reinterpreta a noção de vida na contemporaneidade.

<sup>3</sup> Fernando Pessoa, escritor e poeta português do século XIX.

<sup>4</sup> PESSOA, F. *Livro do Desassossego*, p. 180.

## 1. A teoria da evolução de Darwin

Na virada do século XXI, a noção de homem adquire um novo *status*, ele é reduzido a um animal e apenas isso, um ser biológico. Com isso, só podemos entender o homem de um ponto de vista natural. Não como o naturalismo aristotélico que coloca o homem como animal político, pois essa noção afirma a existência de uma essência fixa, eterna e necessária para o homem. Enfrentamos ainda a resistência da religião, das crenças, dos mitos, do senso-comum que não aceitam, em muitos aspectos, a nova maneira de conceber e perceber a antropologia, ficando apenas com explicações simplórias, lendárias e míticas. Porém, as religiões foram fundamentais para iniciar o estudo sobre o homem. O fato é que:

Estamos plantados “aqui e agora” no século XX com todos os mitos e meias verdades que arrastamos conosco de séculos passados, em meio ao complexo contexto social e cultural que se desenvolveu ao longo dos últimos milhares de anos.<sup>5</sup>

O novo posicionamento parte de uma concepção natural evolucionista, que é chave fundamental de interpretação dessa perspectiva antropológica. Os fatos, estudos, pesquisas corroboram para a afirmação de que o homem nada mais é que um animal, uma espécie entre tantas outras espécies existentes, que luta por sobrevivência, que possui necessidades fisiológicas e é portador de instintos biológicos imanentes em cada espécie de ser vivo.

As ciências naturais contribuíram, fundamentalmente, para esse novo tipo de compreensão, de modo particular, a descoberta e o estudo da molécula da vida - a célula - e suas estruturas de funcionamento e de determinação dos caracteres. Com isso, o estudo da energia biofísica, que movimenta e dá vida às espécies vivas, pode ser estudada e compreendida e os “mistérios”, até então, inimagináveis, aos poucos foram sendo desvendados e mostrados pela ciência. É a partir de tal perspectiva que todos os seres orgânicos existentes podem ser entendidos. De um ponto de vista biológico a vida, no seu aspecto mais singular e primitivo, nasceu de uma “mistura” primordial, carregada eletricamente e desprovida de forças vitais. Dessa forma vemos:

Onze bilhões de anos depois do Big-Bang, um punhado de elementos combinaram-se aqui na Terra e deram início a um processo incrível. A vida emergiu da sopa primordial. Vida originada de cargas elétricas sem vida. Vida que agora pode ser explicada em termos de

---

<sup>5</sup> BRODY, D. E.; BRODY, A. R. *As sete maiores descobertas científicas da história*, p. 22.

componentes e processos físicos, embora essas explicações possam parecer demasiado frias e indiferentes para justificar a riqueza e a complexidade dos seres vivos e da consciência humana.<sup>6</sup>

De fato, o homem e suas crenças foram veementemente atingidos com o desenvolvimento e as descobertas da ciência. Ela colocou as verdades e os conceitos em xeque e mostrou que ele é uma criatura ignóbil na imensidão do universo e que “nosso planeta é como um grão de areia num imenso deserto; que nosso sol, em torno do qual giramos, é uma estrela de pequeno porte entre bilhões de outras”<sup>7</sup>. O último golpe que a ciência agora poderia desferir contra o homem seria contra a sua própria natureza. O primeiro golpe foi demonstrar que a terra nunca foi o centro do universo. O que esperar depois disso? Conforme David Brody e Arnould Brody vemos que:

Contra a palavra de Deus, Copérnico, Kepler, Galileu e Newton haviam tirado a humanidade do centro do universo. Agora, outro herege [Darwin] estava prestes a espiar pela janela aberta por Hutton<sup>8</sup> e Lyell<sup>9</sup> e descrever um panorama inimaginável. Ao descrever o que viu, ele indignaria mais a humanidade, mostrando que a pintura de Michelangelo no teto da capela Sistina, em Roma, precisava ser totalmente redesenhada, pois os humanos não eram criados à imagem e semelhança de Deus, e a ponta do dedo que concedia vida a Adão não era absolutamente a de Deus. Era a ponta do dedo de um macaco.<sup>10</sup>

Nesse sentido e a partir de tais pressupostos, outro momento da ciência que se desenvolveu e agora se coloca como noção para o estudo das espécies vivas existentes, é a teoria da evolução e seleção natural de Charles Darwin<sup>11</sup>. A reivindicação essencial é a de que a evolução faz com os seres vivos se adaptem ao meio, e as formas de vida existentes se especializem de uma ou de outra forma para a sua sobrevivência.

A teoria da evolução de Darwin, [...] está longe de ser uma teoria – é um princípio além do questionamento e do debate. Não obstante, com seu programa destrutivo e irracional, os criacionistas do século XX, saídos diretamente da Idade das Trevas, esforçam-se para colocar a emoção antes da razão e fazer da evolução uma questão discutível. A verdade é [através de dados, comprovações, estudos, pesquisas e fatos científicos] todas as formas de vida têm um ancestral comum e,

<sup>6</sup> Ibidem, p. 303.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>8</sup> James Hutton (1726 – 1797) pesquisador escocês fundador da geologia, que apresentou a primeira teoria sobre a idade da terra.

<sup>9</sup> Charles Lyell (1797 – 1875) renomado geólogo inglês que empreendeu pesquisas pormenorizadas em fósseis e formações rochosas, autor de *Princípios de Geologia* (1830).

<sup>10</sup> BRODY, D. E.; BRODY, A. R. *As sete maiores descobertas científicas da história*, p. 238.

<sup>11</sup> Charles Darwin, naturalista e biólogo inglês do século XIX, autor de *Da origem das espécies por meio da seleção natural*.

mediante um processo que “seleciona” naturalmente as características importantes para a sobrevivência, cada espécie, inclusive a humana, gradualmente se adapta ao meio em mudança.<sup>12</sup>

O homem não tem uma essência fixa, ela não existe. Não queremos dizer que não existam características propriamente humanas que venham nos diferenciar dos demais animais, pois, de fato, nós nos diferenciamos dos demais animais por propriedades específicas que foram se desenvolvendo ao longo da evolução. Os historiadores da ciência David e Arnould, nos apresentam:

A diferença entre a cultura animal e a humana parece antes de grau que de natureza, e essa própria diferença (isto é: o crescimento exponencial da cultura humana) deve poder se explicar pelas leis da evolução biológica.<sup>13</sup>

O cerne da nova maneira de conceber o homem reside no fato de que ele é um conjunto de células especializadas que produzem estados de consciência. Com isso, o homem é um fenômeno que se explica através dos impulsos elétricos e químicos da sua atividade cerebral. Na espécie, o cérebro é o instrumento de conservação e assim passa a maior parte do tempo tentando sobreviver, independente das questões culturais. A plasticidade cerebral se desprende de qualquer ascendência metafísica e explica-se, agora, por si própria. Com isso, há uma dessacralização do mundo, da realidade e, em última instância, do homem.

Somos, então, seres biológicos em processo adaptativo, pois a necessidade de sobrevivência nos forçou a uma evolução. Só conseguimos um *plus*, uma diferenciação, uma especialização entre os outros seres vivos, pois essa mesma evolução nos forçou a isso. Quando pensamos o homem e suas relações possíveis com a realidade cultural, devemos pensá-lo, primeiramente, como um ser biológico que se diferencia dos demais por ser capaz de estabelecer relações sociais, políticas, produzir tecnologia, ciência, e, sobretudo, ser capaz de estudar a si próprio.

## **2. O evolucionismo como nova interpretação da vida**

Nossa tarefa no primeiro momento desse trabalho foi apresentar as perspectivas da biologia evolucionista. Agora, queremos compreender quais são as luzes

---

<sup>12</sup> BRODY, D. E.; BRODY, A. R. *As sete maiores descobertas científicas da história*, p. 221.

<sup>13</sup> WOLFF, F. *As quatro concepções de homem*, p. 55.

que Hans Jonas lança sobre a noção darwinista de evolução e, com isso, entender, de modo geral, a reinterpretação jonasiana da vida na contemporaneidade.

Se pudermos resumir a preocupação de Jonas em sua obra *O Princípio Vida* de 1966, diríamos que seria: dar uma nova significação à concepção da vida. Dessa forma, com o problema do dualismo, que separa a vida orgânica da espiritual, Jonas parte do seguinte pressuposto: o espiritual está prefigurado no material. Assim “no mistério do corpo vivo as duas estão unidas”<sup>14</sup>, ou seja, nas formas mais primitivas de vida o transcendente se faz presente.

A vida se manifesta numa escala que podemos chamar de graus de liberdade que parte do mais primitivo e chega ao mais evoluído. Esses estágios são comuns à vida que partem “do crescente desenvolvimento das capacidades e funções orgânicas: metabolismo, movimento e apetite, sensação e percepção, imaginação, arte e conceito – uma escala ascendente de liberdade e risco que culmina no ser humano”<sup>15</sup>. O resultado desse processo seria o homem, pois é o único ser capaz de realizar todos esses níveis de liberdade, que conseqüentemente o tornam o ser com maior risco, ameaçando sua existência.

Vale ressaltar que, nessa escala, a liberdade é característica do próprio metabolismo e não característica exclusiva da racionalidade. Trata-se de um princípio ontológico na evolução da vida que surge diante de inúmeras possibilidades. A vida só se torna vida porque se auto afirma diante do não-ser. Esse metabolismo que Jonas trata e que está presente no mais primitivo ser vivo, nada mais é do que a troca de substâncias químicas que determinado ser é capaz de realizar com o meio externo, é uma troca de matéria na qual os seres vivos se correlacionam.

No não-ser há uma predisposição ao ser, ou seja, a partir das inúmeras possibilidades de existência ou não existência surge o ser. Já neste está presente o metabolismo que de certa forma carrega consigo a precariedade da vida, o perigo e ameaça de sua não existência. Portanto, o ser surge mediante um “espaço ilimitado de possibilidades”<sup>16</sup>. Do ser inorgânico aparece o ser vivo, que é dependente do não-ser para se autoafirmar. Deste ser vivo, aparece o animal que é possuidor de uma motricidade, ou seja, o animal é um ser que necessita satisfazer seus desejos, ora fugindo do predador ora caçando sua presa. Jonas afirma que a motricidade e as

<sup>14</sup> JONAS, H. *O princípio vida*, p. 7.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 17.

necessidades fisiológicas são marcas eminentes de um grau de liberdade mais expressivo. O animal, que necessita se alimentar e que é alimento de outros animais, corre um risco maior de sobrevivência, há mais liberdade nesse nicho. Deste animal surge o homem que é o ser mais evoluído, que possui mais liberdade, que corre mais riscos, e que é portador de uma racionalidade, sendo capaz de produzir ferramentas, representar sua própria imagem através de desenhos no fundo de uma caverna e que sabe de sua morte.

Sem dúvida, a vida se tornou o problema central a partir do período moderno. Com as grandes descobertas que revelaram a imensidão de um universo como energia e matéria inerte, a vida torna-se um fenômeno secundário. Se no período clássico nos perguntávamos: “Por que a morte?” Agora, o questionamento é: “Por que a vida?” A vida torna-se um acaso diante de um universo morto. Mas, então, qual a origem da vida? De onde surgiu? Quando surgiu? Ela apenas evoluiu.

A vida evoluiu e evolui ao longo dos tempos e junto com ela o espírito. A interioridade é co-extensiva à vida, onde há vida há interioridade; este pressuposto rompe com o mecanicismo moderno que concebe a vida apenas a partir de dados exteriores. A ideia de evolução rompe com qualquer pré-determinismo ou teleologismo sobre a origem da vida. Ela afirma que as formas vivas procedem umas das outras e que não surgiram umas independentemente das outras, e não fazem da forma inicial um ser menos evoluído do que o atual, trata-se de uma dinâmica geral da vida. Assim, a evolução passa a ser entendida como um processo cumulativo de informações que o ser carrega consigo, graças à hereditariedade. É Jonas quem nos esclarece:

Os efeitos da mutação – cada um deles acrescentado aos anteriormente adquiridos – podem acumular-se seguindo uma mesma linha, e aos pequeninos passos do acaso é dado crescerem até que se transformem em grandes e complexos genótipos<sup>17</sup>.

O filósofo chama esse efeito de “cumulativo da mutação hereditária”<sup>18</sup>, que vinculado ao processo de seleção natural de Darwin rompe com qualquer teleologia. Assim, as várias modificações que os seres vivos sofreram ao longo da história garantem a riqueza das espécies, que partem do mais primitivo e desembocam no mais evoluído. Para Jonas, a teoria darwinista rompe com a pretensão platônica em

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>18</sup> Idem.

estabelecer essências imutáveis e acrescenta à vida uma aventura totalmente imprevisível.

Com isso, a vida torna-se mera autoconservação, ou seja, cabe a ela adaptar-se às diversas condições do ambiente e suas variações, assim a riqueza acumulada em tais comportamentos e em diferentes estilos surpreende a si mesma. Isso afirma que não há uma predisposição estabelecida nas coisas, ou seja, não estava previsto num ser primitivo características essenciais do homem contemporâneo, cada coisa foi produzida a seu tempo, de maneira não prevista, dada pela constante transformação.

A origem da vida ainda está submetida ao mecanismo de seleção. Se por um lado temos o organismo com suas mutações, por outro, temos o ambiente que submete constantemente a vida a provas entre o ser e o não-ser. A via da seleção irá determinar pela via exclusiva (exclusão) os organismos vivos que não se adaptarem a determinado ambiente, assim ela não possui nenhuma teleologia. Sendo assim, o ambiente graças aos seus desvios, acidentes, imprevistos, acasos e desastres e suas malformações é que conduzirá o ser vivo ao progresso, isto é, pura e simplesmente por acaso.

Segundo Jonas, aparecerá um novo problema baseado nas relações entre hereditariedade e estabilidade, e mutações e instabilidade. Podemos afirmar que a hereditariedade requer uma “fidelidade de transmissão”, assim há, de certa maneira, uma estabilidade na transmissão genética de um ser vivo ao outro. Já as mutações interrompem esse processo, gerando uma “pane mecânica”<sup>19</sup>. Ou seja, o sistema transmissor estaria comprometido, resultando em malformações. Sendo assim, o acúmulo de “erros” do sistema, ao longo de suas gerações, podem resultar em um organismo novo e enriquecido, porém fruto de fracassos que, em um estado primordial, se acumulou de malformações e desvios que o fizeram adaptar-se ao meio ambiente.

Como se sabe, o monismo materialista darwinista ao negar um princípio criador forçou a matéria a dar conta do espírito ao longo da evolução das espécies. Com isso a ciência moderna teria que destituir de toda realidade qualquer pretensão metafísica que não comportasse elementos não matemáticos. Assim, toda natureza, entendida como os seres vivos que a compõem, não possui nenhum estado de consciência, assim o único ser que se distinguiria dessa realidade matemática seria o próprio homem.

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 62.



## **Considerações finais**

A vida, diante de toda a matéria morta do universo, é a exceção. Isso nos leva a ter consciência de que somos apenas um minúsculo ponto no gigantesco sistema de planetas e galáxias do infindável universo. Houve um momento em que não existíamos e haverá outro momento que vamos deixar de existir e as coisas permanecerão como sempre foram. Independe de nós mudar a lógica do universo. De fato, o homem não tem qualquer tipo de especialidade e a diferenciação se dá no processo evolutivo, que é a adaptação.

Nossa tarefa foi a de analisar e entender a reinterpretação da concepção de vida jonasiana a partir da teoria da evolução darwinista. Foi possível perceber que, mesmo a teoria da evolução sendo de caráter materialista é possível, segundo Jonas, afirmar uma prefiguração espiritual na matéria, pois o espírito evolui com o orgânico. Diante disso, o filósofo rompe com a tradição que separa espírito de matéria, e lança fundamentos para uma biologia filosófica, conseqüentemente para a reinterpretação da vida, agora na contemporaneidade.

O processo que Jonas chama de efeito “cumulativo da mutação hereditária”, como vimos, vinculado ao processo de seleção natural de Darwin, rompe com qualquer teleologia. Assim, as várias modificações que os seres vivos sofreram ao longo da história garantem a riqueza das espécies que partem do mais primitivo e desembocam no mais evoluído. Para Jonas, a teoria darwinista rompe com a pretensão platônica em estabelecer essências imutáveis e acrescenta à vida uma aventura totalmente imprevisível. A vida torna-se mera autoconservação, ou seja, cabe a ela adaptar-se às diversas condições do ambiente e suas variações, assim a riqueza acumulada em tais comportamentos e em diferentes estilos surpreende a si mesma. Isso afirma que não há uma predisposição estabelecida nas coisas, ou seja, não estava previsto num ser primitivo características essenciais do homem contemporâneo, cada coisa foi produzida a seu tempo, de maneira não prevista, devido à constante transformação.

O evolucionismo como resultado desse dualismo, destituiu o homem de seu lugar privilegiado no universo e o coloca na mesma condição de todos os demais seres vivos. O espírito nada mais seria do que resultado desse processo dinâmico. E como o homem estaria na história do processo evolutivo das espécies, os animais compartilhariam de certa dignidade no reino da vida, assim há um parentesco entre homens e animais onde haveriam graus diferentes de interioridades. O espiritual deve

voltar ao âmbito da vida, assim, Jonas propõe como superação da via monista materialista, que a vida deve ser reconhecida como matéria e espírito de maneira simultânea. Podemos nos perguntar: “onde poderá ser colocado o início da interioridade a não ser no início da vida?”<sup>20</sup>. Segundo Jonas, “a interioridade é co-extensiva com à vida”<sup>21</sup>, assim o evolucionismo darwinista rompeu com o monismo materialista recolocando o *cogitans* no percurso da vida.

### **Bibliografia**

BRODY, David Elyot e BRODY, Arnould R. *As sete maiores descobertas científicas da história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

JONAS, Hans. *O princípio vida*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOLFF, Francis. As quatro concepções de homem. In: NOVAES, Adauto (org.). *A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutação*. São Paulo: Agir/Sescsp, 2008, pp. 37-73.

---

<sup>20</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>21</sup> Idem.